

Pós-Manchúria

后东北生活时代

André Saraiva Santos
Professor na Universidade de Jilin

Tenho a sensação de que um português que viveu na China não volta ao país da mesma maneira que entrou. Nem que seja na quebra de uns quantos estereótipos seculares que se idealizaram em volta do objeto socialmente construído e engendrado do indivíduo “chinês”. Colocando os pés naquele país, o mito vai-se corroendo a pouco e pouco. Apercebemo-nos do quão distantes estamos de entender, interpretar, analisar realidades individuais e coletivas daquele extenso país. Ainda hoje me pergunto onde fomos socialmente elaborar concepções tão obtusas relativamente ao “chinês”, a começar pela tonalidade da sua pele e a acabar nos seus hábitos alimentares, por exemplo. Posso estar redondamente enganado. Contudo, nas minhas caminhadas de três anos pelo Norte da China (de facto, ainda estou longe da meta do professor Graça Abreu que percorreu todas as províncias), vislumbrei tonalidades cromáticas para todos os gostos, desde a pele mais aleitada à morena mais carregada. E o amarelo, sinceramente, ainda estou por descobrir. Talvez um dia. É bom que se caminhe pelas ruas e vielas das cidades e vilas e se descubra os psicadélicos reclames luminosos dos restaurantes em escrita árabe, que pertencem à minoria étnica Uigur, com uma aparência que em nada se enquadra no tal estereótipo do indivíduo “chinês”, mas que são portadores da nacionalidade chinesa, que na sua maioria praticam os ensinamentos do Alcorão, e mesmo aqueles que não o praticam, desprezam e repugnam o consumo de carne de porco ou de cão (esta última popularizada na Manchúria pelos indivíduos de etnia coreana). E poderíamos mencionar outros “exemplares” étnicos (os próprios russos!) para desconstruir esse imaginário tão limitado e incapaz que “nos” atravessa socialmente. É por essa razão que ainda hoje me revelo céptico face àquela ideia romântica (dita não tão raras vezes) que é possível “conhecer bem” os chineses. Quanto mais interagimos com estas dimensões identitárias múltiplas e com estes indivíduos de

backgrounds diferenciados, menos certezas temos e com mais dúvidas ficamos. E não estou com isto a tentar passar uma ideia negativa do processo, mas sim a sublinhar que a China é lar de imensas identidades étnicas e é isso que a torna tão plural e rica, mas ao mesmo tempo, extremamente difícil, por vezes impossível, de aglomerar e rotular.

Apresentarei neste pequeno espaço um pequeno contraste de sensações que, constantemente, se emaranharam no meu quotidiano.

Pessoalmente, encontrei na Manchúria uma sensação

“...a China é lar de imensas identidades étnicas e é isso que a torna tão plural e rica.”

de liberdade comercial que, possivelmente, jamais encontrarei em Portugal, onde impera a burocracia, a fiscalização, os organismos que taxam e nos retiram toda a vontade de começar qualquer empreendimento. Tens umas nabiças a mais no quintal, queres montar uma barraca na Praça, que é onde anda toda a freguesia, e logo te deparas com... e a licença de cedência do espaço? E o certificado da ASAE? E o comprovativo de pagamento da taxa X ou Y? E o livro de reclamações? A trabalhadeira com que nos deparamos para fazer uma simples venda, na Manchúria é um “toma lá-paga lá” instantâneo. Vendedor e consumidor estão em

total liberdade de ação, numa espécie de “queres, queres, não queres, há mais quem queira.” Sempre que pensas nalguma forma de te desvencilhares economicamente, não tens um mecanismo decepador de todo o teu empreendedorismo, podes pôr tudo em prática na hora, mesmo com os meios mais primitivos à disposição. Talvez por essa razão eu ainda continue a afirmar que é lá onde reside a “terra das oportunidades”. A oportunidade está ao virar da esquina, nem que seja a vender melancias em cima de uma carroça puxada por um burro. E este cenário leva-me, inevitavelmente, a falar da tecnologia e da minha perplexidade de a ver usada por todas as faixas etárias no comércio de rua. Vários “tiozinhos” sexagenários (quicá mais velhos) vêm para as ruas, interagindo com os consumidores, enquanto os seus altifalantes repetem as mesmas frases a respeito das mercadorias que vendem em modo non-stop, utilizando tecnologia móvel para fazer os seus inúmeros negócios. As carroças dos burritos munidas de um código QR que permite fazer transferências bancárias com o telemóvel, aquela rudimentaridade agrícola associada à mais desenvolvida tecnologia, na posse da terceira idade, fez-me pensar que, sem dúvida, uma outra vida é possível quando as artroses começarem a chatear. Em sintonia com a ideia de liberdade, está a forma de condução rodoviária da Manchúria. O que eu entendia, no meu primeiro ano, como um caos (veja-se a quantidade de regras que estamos obrigados a obedecer todos os dias nas estradas portuguesas) é apenas outra forma de movimentação e de ordem, à qual não estava habituado, e provavelmente até mais descomplicada e simplista. Por exemplo, imagine-se que todos os carros têm de parar sempre que um manchuriano tem de atravessar uma passadeira. Quantos constrangimentos, quantos engarrafamentos isso não causaria? És peão, tens duas escolhas: ou esperas pelo semáforo, ou fazes *jaywalking*. Tu é que sabes o que é melhor para a tua saúde.

No que respeita à minha experiência laboral na Manchúria, penso que esta teve um impacto profundo na forma de me organizar e de resolver imbróglis. Pontualidade é algo com que não se brinca. Vir com a ideia dos 15 minutos académicos, da tolerância benevolente do anfitrião ou

do companheiro, é para esquecer. A aula começa às oito e termina às dez, tudo em cima dos ponteiros do relógio. E todos os semestres há resmas de papelada para ser despachada, de forma pré-concebida, sistemática, que não se desvia do padrão de resolução. Em poucas semanas, tornas-te num apêndice do grande motor burocrático, num *minion* que faz voar 30 páginas de relatórios para a mesa do diretor. Muitas vezes perguntava-me: Para que é que isto serve? Ninguém sabe, ninguém questiona. A máquina manda.

O coletivismo domina. A vontade individual dos *minions* conta pouco ou nada, e a discussão de ideias diferentes é, na maior parte das vezes, uma amálgama sonora improdutiva e irrelevante, perante as diretrizes superiores. Muitas vezes assistimos ao sacrifício do individual em prol do todo. Se se determina que os professores de um determinado departamento devem realizar um espetáculo para toda a universidade, não há desculpas, não há escapatória, por muito trôpegas que sejam as suas capacidades e que elas possam arruinar a *performance*. Mesmo que um outro departamento tenha, por exemplo, um professor muito mais capacitado em dança, com uma eventual passagem pelo *ballet* de Moscovo, são os professores aos quais foi incumbida a tarefa que devem preparar o espetáculo. Afinal, qual é a razão? “Porque sim, foi o que disseram lá em cima”. Mas também é esta participação “voluntária” do coletivo que torna a montagem dos aparatos necessários para uma Feira Internacional da Cultura no campus da universidade num processo exequível e rápido.

Nunca me irei esquecer do esforço laboral dos “exércitos” de estudantes na limpeza da neve e do gelo de todos os caminhos da universidade com pás e marretas, quando lá fora os termómetros cheios de estalactites registam temperaturas entre os -20°C e os -28°C. Seria isso alguma vez possível por estes lados? ■